

TAMMARA WEBBER

Sweet

Um livro da série
Contornos do Coração

Tradução
Débora Isidoro

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2015



VERUS
EDITORA



BOYCE

Bud Wynn faleceu esta manhã. De acordo com o médico do plantão, a hora da morte foi às 5h23. Morreu de doença hepática, de cirrose, de complicações da ascite que provocaram parada cardíaca — qualquer uma e todas essas opções seriam verdadeiras, creio eu.

Digo que ele morreu de beber, porque isso é mais verdade do que todo o resto.

Sob as luzes fluorescentes do corredor, todo mundo naquele hospital parecia um passo mais próximo da morte do que provavelmente estava. Tenho certeza de que eu não era exceção, mas não pretendia morrer tão cedo. Isso podia fazer de mim um canalha sem coração, mas a razão pela qual não pretendia morrer era que eu estava livre, finalmente. Livre daquele velho cruel sem coração. Livre do babaca que perseguira minha mãe e meu irmão — ela acabara desaparecida na escuridão como uma sombra leve, ele em um túmulo no Cemitério Nacional de Arlington. Livre do fardo que carreguei em seus últimos dias, porque ninguém mais queria saber dele.

Dois minutos depois de o médico ter me deixado sozinho com o corpo para me despedir, saí de lá com os olhos secos e assinei a papelada autorizando o crematório a cuidar de tudo. Eles o enfiariam em um com-

partimento refrigerado na parede, e lá ele esperaria as quarenta e oito horas necessárias para poder retornar ao pó. Era o que ele queria.

— Sem a porra do funeral — ele chiou de sua poltrona quando me viu entrar uma noite, seis meses atrás, como se estivéssemos no meio de uma conversa. Parei sob o batente, mas não respondi. — Sem porcaria de caixão. E, pelo amor de Deus, sem a merda da cerimônia religiosa. Joga minhas cinzas no golfo e pronto. — Algo em minha expressão deve ter denunciado que eu não jogaria os restos mortais dele na água ao pôr do sol em uma falsa homenagem. — Ou na privada. Não me importo.

Essa foi a única conversa que tivemos sobre sua morte iminente.

Quando o sol nasceu sobre o golfo, voltei para casa, um lugar que agora era de algum modo diferente da porcaria apertada de onde eu saíra horas antes, porque dessa vez ele não ia voltar. Eu me apoderava da casa aos poucos havia alguns anos, território conquistado com esforço, cada centímetro, o trailer e a pequena construção de tijolos ao lado: a Oficina Wynn's. Mas nenhum dos dois me pertencia. Não até hoje.

Deixando a porta da frente aberta, segui direto até a poltrona suja, a mesma que fora azul em um passado distante, mas que agora era desbotada e só se sustentava graças à fita adesiva segurando os parafusos soltos. Arrastei-a do canto e a puxei pelo carpete sujo até a porta, pela escada de degraus de concreto rachado e até o quintal. Fiquei olhando para ela, feia e inofensiva sobre a grama morta.

Puxei-a novamente para o meio da entrada de asfalto que o trailer dividia com a oficina. Tirei o isqueiro e os cigarros do bolso da minha camisa, olhei para a poltrona e fui invadido por uma enxurrada de lembranças do meu pai, memórias que se sucediam até se juntarem em uma só, aquela em que eu entrava em casa e ele dizia, sem sair daquela poltrona: "Pega uma cerveja antes de passar por aquela porta, seu babaca imprestável". Eu pegava uma cerveja do fardo de vinte e quatro unidades dentro da geladeira e levava para ele, esticando todo o braço para diminuir a probabilidade de ele agarrar meu pulso e torcê-lo, ou me puxar e dar um soco no ombro, nas costelas, no estômago.

Na maioria das vezes, ele só pegava a cerveja, com os olhos grudados na tela iluminada. Uma vez em cinco ele tentava me segurar. Meu

coração disparou com a lembrança. Eu nunca sabia quando ele ia atacar ou quando ia só arrancar a lata da minha mão e me ignorar.

Acendi uma bituca de Camel Crush e traguei calmamente a nicotina em forma de fumaça.

Uma vez, quando eu tinha dezessete anos, ele me deu um soco tão forte que não consegui respirar por quase um minuto. Pensei que eu ia morrer. Cambaleei e derrubei a mesinha de canto quando caí, o que o enfureceu ainda mais. Ele riu e atacou de novo, mas consegui me esquivar e ele errou. Foi a primeira vez. Isso alimentou sua fúria, então ele atacou justamente quando bati no chão e meus pulmões decidiram destavar e me deixar respirar. Ele ainda me chutou uma vez antes de eu ficar em pé e perceber que tinha crescido, que nos últimos meses havia alcançado a altura dele. Ainda era mais magro, mas nem pensei nisso. Estava desesperado, furioso e apavorado.

Dei um soco na cara dele, e seu nariz quebrou, como teria acontecido com qualquer pessoa. Não sei por que aquilo me surpreendeu. Mas, naquele momento, chegava ao fim seu reinado supremo sobre mim. Vi essa realidade nos olhos dele quando me atacou e errou o soco de novo. Pela primeira vez, dei um passo à frente em vez de recuar. Ataquei em vez de me encolher. Bati em vez de apanhar.

Ele estava cheio de sangue e ofegante quando voltei à porta respirando com esforço, inspirando e exalando o ar, *vivo*, sem nenhum machucado além do sangue nas mãos. E soltei com uma frieza sombria:

— Nunca. Mais. Levante. A. Porra. Da. Mão. Pra. Mim.

— Sai da porra da minha casa! — ele berrou com a voz rouca de um velho.

— Você não vai viver pra sempre — respondi, mas ele não ouviu.

Joguei a ponta ainda acesa do cigarro no assento da poltrona, o que abriu um buraco e fez a bituca afundar como um caranguejo se escondendo na areia, deixando apenas um furo de contorno preto à vista. Eu estava levando a mão ao bolso para pegar o isqueiro novamente quando um *vuush* agradável e repentino marcou o momento em que a poltrona foi tomada pelo fogo.

Dei um passo para trás e peguei outro cigarro, acendi e fiquei ali fumando, vendo aquele móvel se transformar em uma fogueira que logo seria reduzida a cinzas.

— Adeus, pai — falei.

P E A R L

Minhas mãos estavam agarradas ao volante, e eu respirava lenta e profundamente, como se me preparasse para levantar um peso enorme ou mergulhar em um precipício. A 181 para o sul ainda era uma confusão conhecida de arbustos, árvores retorcidas e quilômetros e quilômetros de cercas de estacas e arame envelhecido. A paisagem monótona costumava me confortar, cada sinal de trecho percorrido me levando mais para perto de casa. Hoje, quanto mais eu me aproximava, mais tinha ciência do confronto que evitava havia meses e da impossibilidade de continuar fugindo.

Uma vida inteira de camuflagem estava desmoronando, e me restavam apenas a verdade de quem eu era e a certeza de que em breve todo mundo saberia disso. Engoli com esforço, a realidade apertando suas garras ao redor do meu pescoço.

— Mãe, não vou para a faculdade de medicina — forcei as palavras para fora, testando seu impacto em meus ouvidos.

Eu conhecia bem a minha mãe, e, apesar de ter certeza de que já a decepcionara antes, por exemplo com minhas abordagens tímidas em situações sociais, manifestando minha evidente carência de qualidades de liderança, essa decepção alcançaria um patamar sem precedentes. A faculdade de medicina fora o objetivo dela para mim durante toda minha vida. *Nosso* objetivo. Até eu perceber com uma clareza esmagadora, no meio de uma entrevista em Harvard no último outono, que ser médica não era o que eu queria fazer pelo resto da vida.

Acabei indo parar na lista de espera de lá. Minha nota alta nas provas gerais e o resultado acima da média na prova específica para admissão

não foram os motivos pelos quais não consegui a aceitação imediata. Os cursos preparatórios para a escola de medicina que frequentei, os estágios, a fraternidade e as cartas de referência impecáveis, nada disso me prejudicou.

O fator determinante foi eu ficar abrindo e fechando a boca como um peixe idiota, em vez de dar uma resposta coerente para uma pergunta padrão feita pela representante da faculdade na entrevista.

— Srta. Frank — ela começou, erguendo os olhos da papelada sobre a mesa e me encarando com um sorriso direto —, por favor, diga que reservas poderia ter sobre o exercício da medicina?

Não havia nada de acusador na voz dela. Sem dúvida, ela havia formulado a pergunta esperando uma resposta adequada, ponderada. Aquela era minha chance de reafirmar minha vontade de estudar medicina em uma universidade que formava profissionais altamente qualificados (“como Harvard”). Um candidato ansioso poderia fazer um comentário engraçadinho sobre pagar as mensalidades colossais do curso. Um seguro de si, como meu namorado, Mitchell, poderia declarar: “Não tenho reservas, sempre quis ser médico”.

Em vez disso, tudo que consegui pensar foi: *Não quero*. Minha boca se movia em desespero, tentando encontrar outra coisa, palavras mais apropriadas, para dizer, mas elas não apareciam.

Acabei resmungando alguma coisa idiota, e, depois de uma pausa constrangedora, a entrevista seguiu com outras perguntas. Não cometi nenhuma outra gafe enquanto discutíamos a respeito dos preparativos para começar o curso, os métodos para enfrentar desafios pessoais e educacionais e como eu imaginava que a profissão poderia mudar no futuro próximo.

Porém, no táxi que me levou de volta ao hotel, tudo que eu conseguia ouvir era a pergunta e a coleção de respostas adequadas que *não* dei. Quando já estava no quarto, liguei para Mitchell e respondi seu questionário sobre a entrevista com um breve: “Foi legal. Só estou meio desanimada”. Não consegui expressar em palavras e por telefone a minha recente autodescoberta. Ele não insistiu em saber os detalhes do meu desempenho,

então fiquei sem entender se ele acreditava que eu estava cansada demais para explicar ou se estava preocupado com o próprio processo de seleção. Mitchell havia acabado de voltar de Durham e estaria em Cambridge em duas semanas. E ia querer dissecar cada aspecto do processo seletivo de Harvard antes de chegar.

Fui dormir torcendo para que tudo aquilo fosse apenas uma insanidade passageira, mas, quando Mitchell me pegou no aeroporto na tarde seguinte, eu só estava ainda mais certa a respeito do que queria. E não era a faculdade de medicina. Havíamos planejado nosso futuro comum da mesma maneira com que cada um de nós planejava tudo o mais na vida: cada detalhe estrategicamente premeditado, cada probabilidade considerada. Exceto por um detalhe: ele iria para a faculdade de medicina e eu... não.

Naquela noite, enquanto comíamos costelinhas no Pêché, eu lhe confidenciei a verdade.

Com uma ruga na testa, ele terminou de mastigar, limpou os dedos e bebeu seu pisco sour antes de responder:

— Como assim, não se imagina mais estudando medicina? Parece que você dançou nessa entrevista, justamente em *Harvard*, caramba, mas você tem outras marcas. Vai entrar em algum lugar. Duke. Vanderbilt. Universidade do Texas, em Dallas, se for o caso. Pare de ser tão derrotista.

Eu namorava Mitchell havia mais de um ano, mas nunca consegui me acostumar com sua insistência em me pedir uma “atitude positiva” sempre que eu mencionava uma preocupação ou queria discutir alguma apreensão. Otimismo é muito bom, mas não tem nada a ver com resolver problemas. Como futuro médico, ele devia saber disso. Mas às vezes também parecia que a necessidade de entusiasmo compulsório só se aplicava a *mim*.

— Não estou sendo derrotista, Mitchell. Estou tentando explicar que não quero ser médica. Não faz diferença se vou conseguir entrar na faculdade, ou em qual delas. — Eu sabia que ele estava decepcionado, provavelmente chocado, por isso lhe dei um tempo para assimilar o golpe que eu havia acabado de dar em nosso futuro juntos.

Mitchell ficou quieto por quase dois minutos, depois disse:

— Você está de brincadeira, porra?

O queixo firme e o olhar direto eram bem conhecidos. Meses antes, quando estávamos sozinhos no quarto do alojamento, estudando para uma prova de química orgânica, recebi uma mensagem de um cara da turma de redação técnica.

— Por que ele está mandando mensagens pra você? — ele perguntou.

— Somos amigos. E ele está me perguntando sobre uma tarefa, Mitchell.

— Tenho cara de idiota? — Seu rosto ficou vermelho, havia saliva nos cantos da boca e seus dedos apertavam meus braços, me imobilizando. Ele olhou para o celular na minha mão. — Por que não fala de uma vez que merda está acontecendo?

Engoli em seco, perplexa.

— Não é *nada*. — Puxei o braço para me soltar e levantei, me afastando, mas acabei tropeçando nos sapatos do colega de quarto dele, caí para trás e bati na cadeira da escrivaninha.

Minutos mais tarde, enquanto segurava uma bolsa de gelo sobre o galo que se formou na parte de trás da minha cabeça, Mitchell se desculpava muitas vezes.

— Eu sinto muito, por favor, desculpa, é claro que eu confio em você. É só insegurança, reflexo do que a Darla fez comigo, sabe? — Darla, a namorada dele no primeiro ano. Ela traiu Mitchell com o melhor amigo dele e o fez sofrer muito. — Por favor, Pearl. Eu não queria que você se machucasse. Nunca mais vou falar com você daquele jeito, prometo. — Seus olhos azuis brilhavam por causa das lágrimas.

Eu o perdoei e acreditei em seu juramento.

— Você. Está. De. Brincadeira. Porra? — ele disparou do outro lado da mesa, quebrando a velha promessa como se ela nunca houvesse existido.

Apesar da música alta no lugar e das pessoas conversando à nossa volta, as duas mulheres na mesa vizinha ouviram o que ele disse. Elas ficaram em silêncio, trocando olhares e encarando a cena que se desenrolava em nossa mesa. Envergonhada, senti que elas estavam tentando

decidir se deviam interferir ou não. Eu odiava esse tipo de show quase tanto quanto odiava o que ele dissera, e Mitchell sabia disso.

Eu me debrucei sobre a mesa e, com o rosto queimando e a voz baixa, falei:

— Mitchell, aqui não.

— *Aqui não?* — Ele inclinou a cabeça para o lado como se estivesse ofendido. — Você decidiu despejar isso sobre mim aqui. Você devia ter levado em conta onde queria ter essa conversa absurda antes de tentar me dizer como devo reagir ao fato da minha namorada estar jogando fora o futuro dela, e o *meu*, aliás, como se isso não tivesse a menor importância.

As palavras de Mitchell derrubaram meus argumentos e me fizeram sentir culpada por estar assumindo o risco de alterar o futuro dele, e não só o meu.

— Não estou dizendo o que você deve fazer. Achei que a gente podia discutir esse...

— Sim, sim, vamos discutir o assunto. O que pretende fazer sem o diploma de medicina? Dar aulas no ensino médio? Passar o resto da vida trabalhando em um laboratório sem precisar pensar? Ah, espera... já sei. — Ele se recostou na cadeira, os lábios formando uma expressão hostil. — Vai voltar para a vidinha protegida da cidade pequena, longe do mundo grande e mau, e vai catar conchinhas ou diagnosticar alergia de peixe, ou sei lá que porcaria de coisa você fez no verão passado. É esse o seu plano brilhante?

Indignada, também apoiei as costas na cadeira e cruzei os braços, me negando a responder. Odiava quando ele ridicularizava minha cidade, um hábito que piorara, em vez de melhorar, depois da semana que passou lá comigo no último verão. Apesar de ter se mostrado impressionado com a casa de frente para o mar e de ter passado tanto tempo discutindo suas aspirações como cirurgião e opiniões sobre a profissão com meu padrasto quanto passava comigo, ainda insistia em dizer que a saudade que eu sentia de casa era infantil. Uma emoção que eu devia superar quando amadurecesse.

Ele abaixou a cabeça para que seu rosto ficasse em meu campo de visão e me encarou.

— Caramba... *Sério?* Você ficou maluca, Pearl? Você só pode ter pirado, porque ninguém sensato sacrificaria a chance de estudar em uma das melhores faculdades de medicina do mundo para trabalhar com *peixe*.

Naquela noite nós quase terminamos, mas, quando voltamos para o meu quarto, ele me convenceu de que só estava preocupado, com medo de eu estar me precipitando.

E me implorou para reconsiderar.

— É só nervosismo. Você vai ver.

Concordei em prosseguir com as entrevistas nas faculdades de medicina, considerar as ofertas de admissão, e até aceitei uma delas. Vanderbilt, no Tennessee, uma das duas que também aceitaram Mitchell.

Enquanto isso, peguei meu histórico escolar e, no último dia de prazo para a inscrição, me candidatei ao curso de biologia marinha, que, como Mitchell previra para meu futuro, era oferecido em minha cidade natal. Disse a mim mesma que, se não conseguisse entrar, faria a faculdade de medicina como todo mundo queria e esperava, e ninguém jamais saberia que eu havia me inscrito.

Em dezembro, recebi o e-mail de admissão. As bolsas haviam sido distribuídas alguns meses antes, mas eu teria uma pequena ajuda de custo, o suficiente para pagar a mensalidade, as taxas e o equipamento em troca de trabalhar no laboratório e coletar amostras de vida marinha no golfo. Poderia começar o curso no verão, mas os alojamentos de alunos, dilapidados pelo tempo, mas de frente para o mar, estavam lotados. Meus pais tinham uma casa de trezentos e setenta metros quadrados a poucos minutos do campus. Eu não precisava me preocupar com moradia.

Não haveria um cargo com salário alto me esperando quando eu me formasse, e a maioria das pessoas não entenderia qual era o meu trabalho ou por que eu fazia aquilo. Uma vida inteira dedicada a estudar o oceano e a vida contida nele não é uma escolha que as pessoas fazem por dinheiro ou prestígio social. É uma coisa para a qual são atraídas, como são atraídas pelo próprio mar. Eu descobriria meu nicho de pes-

quisa na faculdade, alguma coisa relacionada à ecologia, e passaria minha carreira construindo um corpo de trabalho que o sustentasse.

Seria isso em vez de ir para a faculdade de medicina e me tornar a cirurgiã que sempre havia planejado ser.

Fiquei olhando para a tela do computador enquanto argumentos para recusar a vaga, coisas que eu ouvia na voz do meu namorado e da minha mãe, ecoavam em minha cabeça. Mas o entusiasmo crescente acabou calando todo o resto. Cresci no litoral, testemunhei a devastação, aquática e humana, provocada por vazamentos e derramamentos de óleo. Mas havia mais nisso do que pinguins sujos de óleo e bolas de piche na praia, e os biólogos marinhos eram quem estudava essas consequências de longo alcance. Eu queria participar disso.

Levei um mês para contar a Mitchell. No primeiro fim de semana depois do recesso de inverno, estávamos assistindo a um filme no meu quarto, ou melhor, ele assistia ao filme enquanto eu me remoía em culpa por deixá-lo acreditar que iríamos juntos para o Tennessee em seis meses.

Finalmente, sentei com o corpo inclinado para frente e cruzei os dedos no colo. *Fala, fala, fala.*

— Então, sobre Vanderbilt...

— Tive uma ideia — ele me interrompeu e apertou o botão mudo do controle remoto. — Vamos para Nashville no recesso de primavera para procurar apartamento. Se a gente encontrar alguma coisa, dá pra fazer um depósito e reservar. Vamos deixar tudo pronto para julho.

— Mitchell, eu não vou para Vanderbilt. — As palavras ecoaram no silêncio que se seguiu.

Uma tempestade se formou em seus olhos, mas Mitchell não respondeu, só ficou me encarando. Eu não podia criticá-lo por estar chocado, mas o silêncio me deixava nervosa.

— Não estou terminando o namoro — continuei. — Estou escolhendo outra faculdade, só isso. A gente pode dar certo, muitos casais namoram mesmo estando longe um do outro, e funciona. Dá pra escolher o que a gente quer fazer na vida e que carreira vai seguir, você vai para Vanderbilt e eu...

— É tudo ou nada. — As palavras pareciam vir de alguém que eu nem conhecia. Os músculos em seu rosto estavam tensos, formavam uma máscara de raiva. Os lábios quase não se moviam. — Tudo ou nada, Pearl.

Eu esperava frustração, até ressentimento por estar cancelando nossos planos, mas não imaginava um ultimato. A ameaça não fazia sentido. Sucesso na faculdade de medicina exige compromisso firme. Nós dois sabíamos disso. E eu não me sentia comprometida.

— Então acho que é nada — respondi, a garganta fechando com as lágrimas contidas.

— Sua *vaca*!

Eu me encolhi, boquiaberta, certa de que todas as garotas na república estavam ouvindo. Era uma da manhã, quase todo mundo estava em casa.

Ele pulou da cama gritando:

— Sua *vaca* egoísta!

Eu queria gritar também, dizer para ele ir embora, para sair dali, mas estava paralisada, exceto pelos tremores que percorriam meus braços e pernas. Eu nunca tinha sentido medo do Mitchell antes. Mas agora eu estava apavorada.

Ele virou e deu um passo para longe de mim.

Tola, achei que ele estava indo embora, e só me dei conta de sua intenção tarde demais.

— Mitchell, não! — gritei quando ele pegou minha concha de trinta centímetros e a jogou contra a parede do quarto, quebrando-a na base.

Mitchell estava recolhendo os pedaços quando a presidente da minha fraternidade e o namorado dela entraram no quarto. Só de cueca, D.J. imobilizou Mitchell, segurando os braços dele para trás, e o arrastou para fora da casa, dizendo:

— Segura a porra da onda, Upstone, ou eu faço isso por você.

Enquanto minhas colegas de república se reuniam no corredor de olhos arregalados e sussurrando, Katie me deu as duas metades da concha.

— Você está bem? — ela perguntou.

Assenti e juntei as duas partes como as peças de um quebra-cabeça. Eu havia levado aquela concha à escola no começo do ensino médio,

durante uma atividade de ciências do mar na aula de biologia. Enquanto meus colegas admiravam o tesouro em minhas mãos, tocando as listras claras na superfície da concha conforme eu a passava ao redor da sala, a fim de mostrar a todos os alunos, o sr. Quinn contava que seu antigo habitante, um caracol do mar, devia ter vivido pelo menos vinte anos para produzir uma casa daquele tamanho. Mais tempo do que eu tinha de vida.

— Pearl, ele não... bateu em você, ou coisa assim, né?

Balancei a cabeça e uma lágrima correu por meu rosto. A escolha de Mitchell, justamente o objeto que representava meu lar dentro daquele quarto, não fora aleatória. Apesar da minha exclamação inútil, eu soube no instante em que o vi estendendo o braço para a estante de livros que não teria tempo de impedir a retaliação, que era tarde demais para lamentar não ter tido aquela conversa em outro lugar. A explosão de raiva eliminou todo o arrependimento ou pesar que eu poderia sentir por ter desistido de nossos planos.

Quando Mitchell mandou uma mensagem pedindo desculpas, não respondi. As ligações dele iam direto para a caixa postal, e eu apagava as mensagens de voz sem ouvi-las. Minhas colegas de república não o deixavam entrar em casa, e surgiram boatos de que o presidente da fraternidade dele ameaçou expulsá-lo se ele não me deixasse em paz. No outono anterior, havia acontecido um incidente com um morador que perseguia uma garota e violentara outra — uma caloura da minha república que pediu transferência no fim do semestre. Depois de uma reunião com o supervisor distrital e um monitor do corpo discente, os líderes de fraternidade não queriam mais correr riscos.

— O D.J. falou que ele e o Dean vão adotar regime de *tolerância zero* até se formarem em maio — a Katie contou, afagando meu ombro. — Mais quatro meses e a gente sai daqui. Deus está de prova de que não quero nem mais um pingão de drama, mas juro sobre uma pilha de Bíblias autografadas por Jesus Cristo: se o Mitchell pisar no nosso gramado, chuto o rabo dele até o fim da rua.

Mitchell e eu nos evitamos até o fim do último semestre, inclusive durante os noventa minutos de aula de virologia animal às terças e quintas-

-feiras e nas oito constrangedoras horas no laboratório de psicologia experimental todas as quartas. A formatura, três dias atrás, foi um alívio, embora eu tenha passado dois dias carregada de culpa, tentando inutilmente ignorar a euforia da minha mãe por eu estar a caminho da faculdade de medicina. Eu não podia estragar o fim de semana da minha formatura contando a verdade, mas meu tempo havia acabado.

As disciplinas comuns na faculdade de biologia tinham acabado. Mitchell e eu seguiríamos caminhos distintos. Eu já havia informado a Vanderbilt da minha desistência, torcendo para tornar realidade o sonho de algum candidato na lista de espera. Agora só faltava uma coisa.

Contar para a minha mãe.